

EDITORIAL

O USO DE “ORAL” E “BUCAL: o magistério do Prof. Idel Becker

O Dr. Idel Becker foi um ilustre professor de Anatomia da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo e de Letras-Português da Universidade Mackenzie. Médico e Humanista, exerceu a Medicina de 1940 a 1943, dedicando-se posteriormente às Letras e à cultura humanística. Sua extensa obra abrange xadrez, história da civilização ocidental, humor, terminologia e linguagem médicas, botânica e crítica literária. Realmente, uma inteligência brilhante, respeitado pelos seus pares e idolatrado por seus alunos.

Uma de suas preocupações era com o respeito ao idioma pátrio, principalmente na comunicação e na literatura científica. Sua tese de Doutorado na USP versou sobre a *Nomenclatura Biomédica no Idioma Português no Brasil. Contribuição ao seu Estudo Lingüístico e ao Estabelecimento de Normas, 1968*. Em 1972, escreveu para a Revista da APCD brilhante artigo onde discute a controvérsia a respeito do uso de *Oral e Bucal*. (Becker, I. Nomenclatura biomédica – oral e bucal. Rev. APCD. 1972;5(4)138-143).

Por oportuno, uma vez que – a meu ver – persiste o impasse no cenário científico nacional a respeito do correto uso de *Oral e Bucal*, reproduzo aqui alguns conceitos basilares de Idel Becker, na esperança de, ao lembrar o mestre no assunto, proporcionar matéria para nossa reflexão.

Idel definia a confusão entre os termos *Oral e Bucal* como nociva aos interesses da ciência pátria. Direto ao assunto, considerava falsa erudição o uso do termo *Oral*, trazido por aqueles cultores de “uma sinonímia absurda e disparatada, capaz apenas de gerar confusão completa e perturbar as comunicações entre colegas e, principalmente, entre mestres e alunos”.

Os adjetivos *Oral e Bucal* significam “relativo à boca”. “Na aparência, então, têm acepção inteiramente igual. Porém, em português correto possuem matizes diferentes, nitidamente delimitados. Essa diferenciação, consagrada pela tradição, pelo uso da maioria e pela aprovação de nossa intelectualidade, enriquece o vernáculo. Trata-se de uma distinção estética e de grande utilidade, que embeleza a língua, tornando a compreensão mais fácil, exata e – portanto – científica”.

“*Bucal* refere-se à boca no sentido FÍSICO, material, anatômico: cavidade bucal, mucosa bucal, glândula bucal, patologia bucal, cirurgia bucal. Relaciona-se com outros conceitos anatômicos. Idel exemplifica: “a cavidade bucal assinala o começo do aparelho digestivo”; “a cavidade bucal comunica-se posteriormente com a faringe”.

“*Oral* refere-se à boca no sentido verbal, vocal (feito de palavras ou de sons): expressão oral (falada), tradição oral (transmitida oralmente de boca em boca). O adjetivo oral, relacionando-se com a *palavra*, opõe-se a *escrito*; exame oral (feito de viva voz, não escrito). Ainda no sentido verbal (relativo à fala), pode opor-se a *nasal*: as consoantes *b* e *m* são bilabiais, mas o *b* é oral, enquanto que o *m* é nasal”.

Idel cita o neozelandês F.W.Craddock:

“A linguagem é enriquecida com a existência de palavras que significam aproximadamente a mesma coisa. Se de várias palavras escolhe-se uma que transmita exatamente o desejado matiz de significado, a apreciação e a eficiência da comunicação – e, portanto, a beleza do estilo – são realçadas. Se tais matizes são menosprezados, o aguçado fio da linguagem fica embotado, sem gume”.

Passa, então, o mestre a dissecar a própria história dessas duas palavras – *oral e bucal* – verificando que a visão histórica “argumenta em favor do seu uso mais adequado em Português”.

Os, oris significa boca em Latim, especialmente na acepção de “órgão da fala, da palavra”.

Bucca, no sentido de “boca”, já se encontra em Plínio. Com o mesmo significado, em Catão, Cícero, Petrônio, Sêneca e Marcial. *Bucca* eliminou o clássico *os, oris*. Mais tarde, o termo *bucca*, em especial no plural *buccae*, acrescentou a acepção de *bochecha*.

A nova forma *bucca* triunfou em quase todas as línguas romanas (neolatinas), desde o Dalmático até o Português, ensinou o etimologista Corominas (*apud* Idel Becker).

Neste ponto do trabalho, Idel aponta a origem da tendência de alguns autores em usar *Oral* em prejuízo de *Bucal*, em nosso meio: deve-se inegavelmente à influência da bibliografia norte-americana (sem dúvida, a mais consultada na ciência médica e odontológica brasileira, “por vezes mal traduzida ou traduzida com censurável displicência.”

Felizmente, nos bons textos está presente a precisa distinção, altamente recomendável, entre *oral e bucal*, não só no Brasil como também em Portugal.

Idel relacionou, na época, alguns exemplos preciosos de tratados de linguística portuguesa:

“...língua situa-se na parte posterior da cavidade bucal”; “dois arcos separados ao meio do espaço bucal”;

“...na cavidade bucal todo o ar vindo dos pulmões”. “...a forma falada francesa est-ce que não só conhece a expressão oral como também gráfica”.

Exemplos muito atuais, que me dispensam de inserir outros, contemporâneos, do uso correto dos termos.

“Observa-se que a acepção “verbal, vocal, falada” encontra-se em muitos derivados do Latim *oralis* (que provém, por sua vez, de *os, oris*: orar (falar, pronunciar um discurso, rezar, pregar), perorar, orador, oração, oratória, oráculo)”

“Quanto aos compostos relativos à *bucal*, empregarão o prefixo *buço* (*e não oro*) : bucofacial, bucolabial, bucodentário (termo anatômico), bucodental (termo fonético), bucofaringeo ou bucofaríngeo. Observe-se que já existe um prefixo *oro* (do grego *óros = montanha*), usado em diversos termos geográficos e geológicos: orografia, orogenia, orognosia, orologia.”

“O Inglês (assim como outras línguas: rumeno, grego moderno, bretão, galês) adotou para os derivados de *bucca* a acepção de bochecha.”

Para designar a boca, o inglês usa o termo *mouth*, anglo-saxão. Em alemão, *mund, Maul*. Em sueco, *mun*; em dinamarquês, *mund*; em holandês, *mond*.

No Inglês, Dunning e Davenport deram para o vocábulo inglês *buccal* a seguinte definição: “Pertaining the cheek, towards the cheek or next to the cheek”. É que corresponde ao nosso *vestibular* (em Anatomia Bucal) (face vestibular, etc). Para indicar a cavidade bucal, os autores recomendam o termo *oral*, seguindo sugestão da American Dental Association.

Idel considera o idioma pátrio mais rico – neste caso específico – mais preciso do que o inglês. Nessa língua, a expressão *oral examination* é ambígua, presta-se a confusões. Em português, porém, a distinção é simples, facilíma: exame *oral*–não escrito; exame *bucal* – da boca.

Idel prossegue, com erudição, em seu brilhante estudo de linguística comparada sobre o assunto, citando autores franceses, espanhóis, brasileiros que se debruçaram sobre o assunto, fundamentando fartamente a sua posição em favor da distinção precisa entre *bucal* e *oral* em nosso escritos.

De tempos em tempos, face a notórias deteriorações da linguagem científica em nosso meio, é necessário (e mesmo uma obrigação) o Editor socorrer-se de estudos clássicos, como o de Idel Becker, e trazê-los novamente a lume, em benefício das novas gerações de professores e pesquisadores.

Wilson Denis Martins

Editor Chefe